

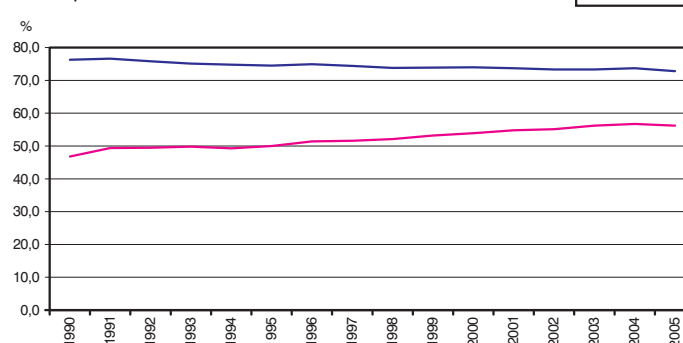
Somente em 1998 – 50 anos depois de formulada essa definição – os membros da 86ª Reunião da Conferência Internacional do Trabalho comprometeram-se, pela Declaração da OIT sobre os Princípios e Direitos Fundamentais no Trabalho e seu Seguimento, a “promover e tornar realidade” a “eliminação da discriminação em matéria de emprego e ocupação” (OIT, 1998).

A discriminação no mercado de trabalho ocorre de diferentes maneiras e intensidades, em situações variadas. Contudo, este estudo limita-se a indicar as desigualdades entre homens e mulheres residentes na cidade de São Paulo em relação a: participação no mercado de trabalho; níveis de desemprego; emprego por grande setor da economia; e remuneração.

Ao longo das últimas décadas, em diversos países, as mulheres vieram, progressivamente, aumentando sua presença no mercado de trabalho. Na cidade de São Paulo, esse fato pode ser detectado pelo crescimento da taxa de participação feminina (proporção de mulheres com dez anos ou mais de idade na situação de ocupadas ou desempregadas), no período 1990-2005, conforme a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), da Fundação Seade e Dieese. Em 2004, essa taxa atingiu seu maior patamar (56,7%), no qual praticamente se estabilizou no ano seguinte (56,2%), mas, ainda assim, manteve-se inferior à masculina em todo o período. A taxa de participação dos homens, ao contrário, apresentou trajetória ligeiramente declinante, sendo que a menor diferença entre ambas ocorreu em 2005 (16,6 pontos percentuais).

Gráfico 1

Taxas de participação no mercado de trabalho, por sexo
Município de São Paulo – 1990-2005



Fonte: SEP. Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

As maiores taxas de participação, tanto dos homens quanto das mulheres, encontravam-se nas regiões Sul 2 (respectivamente, 83,5% e 67,4%) e Oeste (80,6% e 63,9%) do Município, as mesmas regiões em que as diferenças entre os sexos eram menores (ver mapa na p. 27). Já na região Leste 1 foram registradas as menores taxas de participação (78,1% dos homens e 57,2% das mulheres) e a maior diferença entre os sexos (20,9 pontos percentuais).

Embora tenham aumentado continuamente a sua participação no mercado, as mulheres não têm conseguido igualdade no acesso e nas condições da ocupação (cf. SEADE e CECF, 2006). Em 2005, a taxa de desemprego feminina, na cidade de São Paulo, era de 18,0%, enquanto a masculina correspondia a 13,6% (a taxa de desemprego total era de 15,7%). Entre 1985 e 2005, a taxa de desemprego das mulheres manteve-se, sistematicamente, superior à dos homens, sendo que as maiores diferenças foram alcançadas entre 2000 e 2002 (em torno de 5,0 pontos percentuais). A partir de 2003, ambas iniciaram uma trajetória de declínio, mantendo, contudo, uma diferença de pelo menos 4,1 pontos.